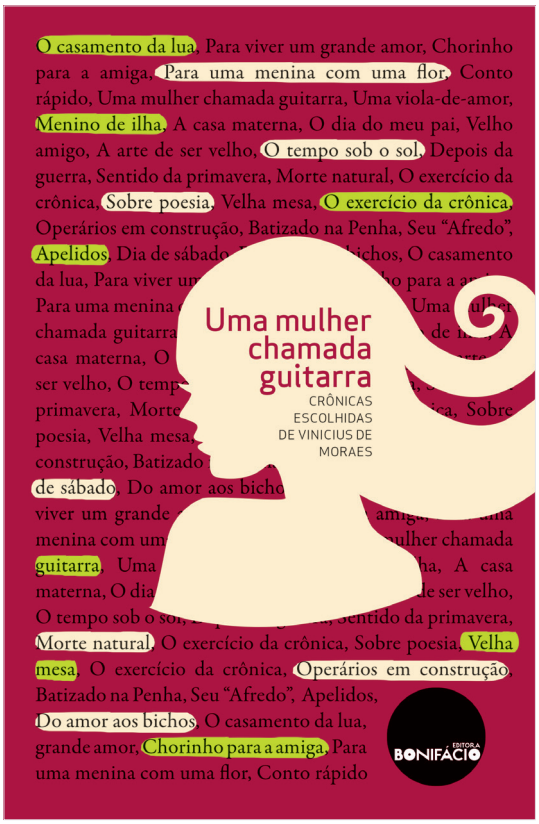
MANUAL DO PROFESSOR

Uma mulher chamada guitarra: crônicas escolhidas de Vinicius de Moraes

Autoria
Eduardo Dias Fonseca Guimarães (CEDAC)



BONIFÁCIO EDITORA

MANUAL DO PROFESSOR

AUTORIA EDUARDO DIAS FONSECA GUIMARÃES (CEDAC)

LIVRO
UMA MULHER CHAMADA GUITARRA: CRÔNICAS ESCOLHIDAS DE VINICIUS DE MORAES

AUTOR
VINICIUS DE MORAES

CATEGORIA 2
OBRAS LITERÁRIAS VOLTADAS PARA OS ESTUDANTES DO 8º E DO 9º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

TEMAS
CONFLITOS DA ADOLESCÊNCIA; SOCIEDADE, POLÍTICA E CIDADANIA

GÊNERO LITERÁRIO
CRÔNICA

EDITORA BONIFÁCIO

Conteúdo
CEDAC — Centro de Educação e Documentação para a Ação Comunitária

Coordenação
Ana Maria Alvares

Revisão
Ana Luiza Couto
Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Guimarães, Eduardo Dias Fonseca
Manual do professor — Uma mulher chamada guitarra: crônicas escolhidas de Vinicius de Moraes / Eduardo Dias Fonseca Guimarães ; CEDAC. — São Paulo : Editora Bonifácio, 2018.

Bibliografia
ISBN 978-85-45553-09-0

1. Literatura infantojuvenil — Estudo e ensino I. Título II. Moraes, Vinicius de. Uma mulher chamada guitarra III. CEDAC

18-0956 CDD 372.64044

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura infantojuvenil — Estudo e ensino 372.64044

2018
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA BONIFÁCIO LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702 — cj. 71
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3561

APRESENTAÇÃO

Cara professora, caro professor,

Neste manual, você vai encontrar material de apoio para o trabalho com o livro *Uma mulher chamada guitarra*. Desde já, enfatizamos que as propostas de atividades feitas aqui são sobretudo sugestões e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura da obra. Ele é composto dos seguintes itens:

1. **O autor e a obra**: dados biográficos do autor e informações que contextualizem a obra.

2. **Vale a pena ler este livro**: informações e sugestões que visam motivar o estudante para a leitura.

3. **Este livro na formação leitora dos estudantes do 8º e do 9º anos do Ensino Fundamental**: a relação da obra com os temas propostos, com a categoria e o gênero literário.

4. **Fazendo a ponte entre o leitor e o livro**: subsídios, orientações e propostas de atividades para a abordagem da obra literária com os estudantes.

5. **Este livro e as aulas de Língua Portuguesa**: sugestões para o encaminhamento do trabalho antes e depois da leitura.

6. **Possibilidades interdisciplinares**: orientações gerais para aulas de outros componentes ou áreas para a utilização de temas e conteúdos presentes na obra, com vistas a uma abordagem interdisciplinar.

Bom trabalho!

1. O AUTOR E A OBRA

Nascido em 1913, na cidade do Rio de Janeiro, Vinicius de Moraes começou a dar mostras de seu talento como poeta e compositor já na adolescência, quando compôs, aos quinze anos, com os irmãos Tapajós, os foxes "Loura ou morena" e "Canção da noite", posteriormente gravados pelos irmãos. Em 1933, formou-se em Direito e, no mesmo ano, publicou seu primeiro livro de poemas, *O caminho para a distância*. Seu segundo livro de poesia, *Forma e exegese*, de 1935, recebeu comentários positivos do escritor Manuel Bandeira (1886-1968). Ao longo de sua trajetória multifacetada, Vinicius escreveu diversos outros livros, ganhando grande destaque, também, alguns de seus sonetos, como o "Soneto de fidelidade", com a célebre estrofe:

> *Eu possa me dizer do amor (que tive):*
> *Que não seja imortal, posto que é chama*
> *Mas que seja infinito enquanto dure.*

Em sua trajetória de escritor, Vinicius foi, ao lado de poetas como Murilo Mendes (1901-75) e Cecília Meireles (1901-64), e de prosadores como Graciliano Ramos (1892-1953) e Rachel de Queiroz (1910-2003), um dos grandes expoentes da segunda geração do modernismo brasileiro, conhecida como Geração de 1930. Tal geração foi responsável por consolidar procedimentos iniciados por escritores e artistas da geração anterior, como Mário de Andrade (1893-1945) e Oswald de Andrade (1890-1954), que realizaram experimentos, invenções e rupturas com os ideais estéticos clássicos e parnasianos então vigentes.

Vinicius também tem contos e uma peça teatral — *Orfeu da Conceição*, encenada pela primeira vez no Rio de Janeiro, em 1956, e adaptada para o cinema em 1959, sob o título *Orfeu do Carnaval* —, além de ter escrito para jornais. Foi ainda diplomata, chegando a morar em cidades como Los Angeles, nos Estados Unidos, e Paris, na França.

Em 1959, começaram a ganhar destaque seus lançamentos discográficos. Junto com parceiros como Tom Jobim (1927-94) e João Gilberto (1931-), Vinicius tornou-se um dos fundadores da bossa nova, influente movimento da música brasileira que ganhou força no final da década de 1950 e trouxe inovações como o modo mais falado que cantado de João Gilberto interpretar as canções e as influências e misturas com ritmos norte-americanos, como o jazz. É nesse período que Vinicius compõe, com Tom Jobim, a mundialmente conhecida canção "Garota de Ipanema" (1962). Em 1980, consagrado como compositor da MPB e como poeta, ele falece no Rio de Janeiro.

Diante de tanta repercussão dos trabalhos de Vinicius de Moraes, o livro *Uma mulher chamada guitarra* é uma oportunidade para os estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental entrarem em contato com um lado talvez menos celebrado e conhecido do autor: o de cronista. A obra consiste numa seleção de suas crônicas, extraídas dos livros *Para viver um grande amor* (1962) e *Para uma menina com uma flor* (1966), publicadas pelo autor em jornais e revistas ao longo de 25 anos.

Em *Uma mulher chamada guitarra*, os estudantes poderão perceber a linguagem poética e a musicalidade que Vinicius imprime a suas crônicas, bem como a possibilidade de extrairmos beleza e literatura de eventos que parecem banais, cotidianos, mas que, a partir do olhar do artista, começam a revelar sua força e poesia.

Para saber mais sobre a vida e a produção de Vinicius de Moraes, acesse o site dedicado à memória do autor. Disponível em: <**https://bit.ly/1GPf9HG**>. Acesso em: 5 jun. 2018.

2. VALE A PENA LER ESTE LIVRO

Uma mulher chamada guitarra contribui para a formação leitora dos estudantes do 8º e do 9º anos do Ensino Fundamental, pois possibilita uma experiência e uma fruição estética únicas. Por meio de um olhar sensível e lírico, Vinicius de Moraes ilumina elementos do cotidiano e traz à tona a beleza escondida em eventos triviais e fugidios. Nessa reconstrução do corriqueiro, o autor se vale de humor, afetos, melancolia, amor e saudade. Os textos, marcados pela brevidade, pela poesia e pela coloquialidade, são um convite a uma leitura despretensiosa, na qual, quase sem perceber, somos capturados por uma imagem, uma descrição, um desfecho surpreendente. Logo na primeira crônica, "O casamento da Lua", deparamos com o procedimento de encontrar o extraordinário no comum: começamos com a figura de velhos sábios que simplesmente se reuniam para observar esse astro. De repente, nos é apresentada a ideia de que a Lua está sofrendo, está mais pálida, porque se apaixonou pelo Mundo.

Além disso, é interessante observar o uso de procedimentos típicos da poesia e da música, como a repetição de versos — que, nessas crônicas, torna-se repetição de orações. Isso acontece no texto "Para viver um grande amor", no qual a maioria dos parágrafos começa com a mesma frase do título: "Para viver um grande amor, [...]". Esse jogo estético serve para destacar a sonoridade/musicalidade, bem como fixar a mensagem e seu deslocamento de sentido, pois cada novo parágrafo ganha uma nova proposta/definição. Esse procedimento também se repete, por exemplo, na crônica "Dia de sábado", cujos parágrafos sempre começam com a frase "Porque hoje é Sábado [...]".

Desse modo, a experiência dos leitores, ao estabelecer contato com esses textos, é expandida, no sentido de que estarão lendo crônicas construídas com recursos poéticos, tão familiares ao autor. Esse contato dos estudantes com a obra de Vinicius contribui para ampliar seu repertório de possibilidades criativas quando estiverem produzindo uma crônica ou outros gêneros textuais.

Além disso, a crônica é um gênero que tende a estabelecer certa intimidade com o leitor. Muitas vezes, temos a impressão de que é o próprio Vinicius quem está nos contando, por exemplo, que comprou um violão para sua "filha Susana, a fim de que ela aprenda dó maior e cante um dia, ao pé do leito de morte de seu pai, a valsa 'Lágrima de dor', de Pixinguinha [...]" (p. 88). O leitor também acompanha as indagações do autor, como quando ele reflete sobre a naturalidade/inevitabilidade da morte: "Onde ficam as borboletas mortas que eu não as vejo em lugar nenhum, nem mesmo nas matas? [...]" (p. 60).

Essa aproximação com o cronista é muito importante aos jovens leitores, seja por estimular sentimentos como empatia e identificação com as narrativas que estão sendo lidas, seja por lhes fazer experimentar uma sensação de familiaridade com o autor, como se Vinicius de Moraes, um dos mais prestigiados escritores brasileiros, se tornasse aquele nosso parente querido, sempre pronto a nos presentear com belas palavras e histórias de sua experiência de vida.

É fundamental ainda levar os jovens leitores a perceber que as crônicas, por capturarem o cotidiano, acabam fotografando aquilo que foi vivido. Por isso, guardam uma série de aspectos, de vestígios da época em que foram escritas, oferecendo pistas sobre como se davam as relações sociais, como as de amizade e de trabalho, além de revelar como era a representação de minorias, como mulheres e negros, na literatura. Tais aspectos ficam evidentes no seguinte trecho da crônica que dá título ao livro, "Uma mulher chamada guitarra":

> O violão é não só a música (com todas as suas possibilidades orquestrais latentes) em forma de mulher, como, de todos os instrumentos musicais que se inspiram na forma feminina [...] o único que representa a mulher ideal: nem grande, nem pequena; de pescoço alongado, ombros redondos e suaves, cintura fina e ancas plenas; cultivada mas sem jactância; relutante em exibir-se, a não ser pela mão de quem ama; atenta e obediente ao seu amado, mas sem a perda de caráter e dignidade; e, na intimidade, terna, sábia e apaixonada. [...] (p. 24)

Publicada pela primeira vez nos anos 1960, essa crônica sugere que haveria um ideal no qual a mulher teria de se enquadrar — "nem grande, nem pequena", ela deveria permanecer em uma relação de obediência e relutância em exibir-se, "a não ser pela mão de quem ama" — ou ainda de que haveria uma dignidade e um caráter aos quais ela deveria almejar. Esses trechos revelam uma visão social em relação à mulher que, se é ainda persistente, deve ser problematizada. Justamente por essa persistência, é fundamental que tal visão, em vez de ser de pronto rechaçada, seja apresentada de forma consciente aos estudantes, gerando debates. Desse modo, eles poderão perceber, de maneira crítica, as construções embutidas em tal discurso e serão capazes, pela mediação do professor, de problematizá-lo, desconstruí-lo, atualizá-lo e compará-lo com discursos e representações mais contemporâneas, influenciadas pelas inúmeras mudanças e avanços nos papéis sociais e econômicos exercidos pelas mulheres, que são protagonistas de suas próprias histórias. Vale ainda promover um debate sobre movimentos sociopolíticos como o feminismo, que lutam por direitos iguais para homens e mulheres.

A leitura dessas crônicas pode funcionar, então, como uma viagem no tempo, transportando os estudantes para outra época, com seus hábitos, costumes e convenções, e cabendo ao professor construir, com eles, a preciosa ponte entre o que foi, o que é e o que pode vir a ser.

Além de possibilitar esses debates sobre situações urgentes e atuais, como a condição sociopolítica e a representação de minorias, a obra *Uma mulher chamada guitarra* ainda toca pontos sensíveis, como empatia, solidariedade, ética, amor, finitude, ou seja, temas e questões ligados a nosso próprio senso de humanidade, sem tentar conduzir de modo explícito ou impositivo a opinião ou o comportamento do leitor. Com esse grau de abertura, a obra incentiva o leitor a uma participação criativa na leitura, levando-o a estabelecer relações e conexões com outros textos e com suas próprias experiências.

Para noções iniciais sobre o feminismo, recomenda-se a leitura do texto "O que é feminismo?", escrito por Rafaela Marques em formato de pergunta-resposta. Disponível em: <**https://bit.ly/2GMS7rX**>. Acesso em: 5 jun. 2018.

3. ESTE LIVRO NA FORMAÇÃO LEITORA DOS ESTUDANTES DO 8º E DO 9º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

A leitura de livros do gênero crônica é imprescindível aos jovens leitores, por permitir a captura dos acontecimentos que nos rodeiam e a reflexão sobre questões da vida, tanto da nossa quanto daquela que estamos lendo. Isso porque as crônicas sugerem um respiro, um olhar mais atento e reflexivo a nossa realidade, que muitas vezes nos passa despercebida, já que vivemos em tempos velozes, fragmentados, de conexões em rede, celulares, em que informações nos chegam em enxurrada, a ponto de mal conseguirmos enxergar e muito menos refletir sobre o que está na nossa frente ou do nosso lado.

Assim, a crônica é um convite a certo olhar: aquele capaz de apreender o que é vivido. E é justamente nesse respiro propiciado pela crônica, nessa relação um pouco menos frenética e talvez mais amistosa com o tempo, que conseguimos parar para assimilar conflitos, acontecimentos, coerências e incoerências que vão se desdobrando ao longo das narrativas, e ao longo de nossas vidas, dia após dia.

Por isso, esse gênero literário pode incentivar, nos adolescentes do 8º e do 9º anos, uma postura menos mecanizada, ou no "piloto automático", em relação a seu cotidiano, bem como favorecer que eles experimentem senti-

mentos como empatia. Há crônicas sobre viagens, amores, família, perdas e tomadas de decisões. Essa gama quase infinita de temas, conflitos e situações abordados nas crônicas, aliada à multiplicidade de possibilidades de narradores e de situações observadas/descritas, que podem envolver diferentes gêneros, etnias e classes sociais, é o que facilita uma possível identificação e empatia dos jovens. Ao ouvirem a voz e a história do outro, eles têm a oportunidade de enriquecer e ampliar suas próprias experiências de vida e sua capacidade de observação crítica e consciente.

Além disso, como já foi dito, por capturarem o cotidiano de determinado período, as crônicas guardam uma série de aspectos e vestígios da época em que foram escritas, podendo nos contextualizar em relação a temas como política e cidadania. É o que percebemos na crônica "Depois da guerra", escrita em 1944, ou seja, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-45):

> Depois da Guerra vão voltar os bons tempinhos do Carnaval carioca com muito confete, entrudo e briga. Depois da Guerra, pirulim, depois da Guerra, vai surgir um sociólogo de espantar Gilberto Freyre. Vai-se estudar cada coisa mais gozada, por exemplo, a relação entre o Cosmos e a mulata. [...] (p. 53)

No trecho, a um só tempo, observamos a captura de um tema maior, enquanto ele ainda estava acontecendo, a saber, a Segunda Guerra Mundial, mesclado com lembranças de um Rio de Janeiro de outrora, festivo e carnavalesco, e com uma referência, bem humorada, a um importante sociólogo, historiador e ensaísta brasileiro do período: Gilberto Freyre (1900-87), autor de *Casa-grande & senzala* (1933). Ou seja, além do interesse gerado pelos enredos e aspectos estéticos, as crônicas trazem aos estudantes uma riqueza de referências do período em que se passam, permitindo uma série de leituras, sob diferentes enfoques.

Nesse sentido, a leitura das crônicas propicia trocas efetivas entre os jovens e vem ao encontro das orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Fundamental, como

> Relacionar o texto com suas condições de produção, seu contexto sócio-histórico de circulação e com os projetos de dizer: leitor e leitura previstos, objetivos, pontos de vista e perspectivas em jogo, papel social do autor, época, gênero do discurso e esfera/campo em questão etc. (BRASIL, 2017, p. 70.)

Outro aspecto interessante do livro *Uma mulher chamada guitarra* é a presença de crônicas metalinguísticas, nas quais o cronista reflete sobre o próprio fazer crônica e a respeito da própria linguagem. São exemplos desse gênero os dois textos que levam o mesmo título: "O exercício da crônica" (pp. 63 e 72).

No primeiro, o autor compara o fazer de um cronista com o de um prosador ficcional (um romancista). Na visão de Vinicius, o cronista seria um prosador do cotidiano que busca "um fato qualquer".

> Escrever prosa é uma arte ingrata. Eu digo prosa fiada, como faz um cronista; não a prosa de um ficcionista, na qual este é levado meio a tapas pelas personagens e situações que, azar dele, criou porque quis. Com um prosador do cotidiano, a coisa fia mais fino. Senta-se ele diante de sua máquina, acende um cigarro, olha através da janela e busca fundo em sua imaginação um fato qualquer. (p. 63)

No segundo texto, ao discorrer sobre o papel da crônica no jornal, o autor a define como sendo seu "coração".

> A crônica é matéria tácita de leitura, que desafoga o leitor da tensão do jornal, e lhe estimula um pouco a função do sonho e uma certa disponibilidade dentro de um cotidiano quase sempre "muito tido, muito visto, muito conhecido", como diria o poeta Rimbaud. (p. 72)

Nesse trecho, Vinicius também nos mostra a ligação entre as crônicas e os jornais diários. Originalmente, as crônicas não são concebidas

para os livros. Seu principal veículo de circulação são jornais e revistas, publicações efêmeras. A crônica então funciona como respiro ao leitor que acompanha as notícias do jornal. No entanto, por seu valor literário, muitas delas perduram e acabam sendo reproduzidas em coletâneas, ganhando novos leitores.

Assim, a partir da leitura das crônicas metalinguísticas, os leitores podem conhecer um pouco da história e das características do gênero. O trabalho com essa obra de Vinicius de Moraes nos anos finais do Ensino Fundamental contribui com a formação de leitores críticos, capazes de apreciar não só o enredo e o relato, ou seja, aquilo que está sendo narrado/relatado, mas também as peculiaridades das estruturas, das construções estéticas e do gênero em questão.

Além disso, a obra *Uma mulher chamada guitarra* permite promover competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental, como:

> Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. (BRASIL, 2017, p. 85.)

4. FAZENDO A PONTE ENTRE O LEITOR E O LIVRO

Os momentos de leitura individual de um livro são imprescindíveis e recomendados ao longo da formação do leitor literário. Porém, não pode-

mos esquecer que o acompanhamento do professor também é fundamental. Por isso, sugerimos a realização da leitura compartilhada, a fim de que os estudantes sejam incentivados a perceber recursos formais e outras camadas do texto que talvez tenham dificuldade de observar sozinhos. Com esse intuito, o professor exerce um papel-chave, pois colabora com o processo de imersão dos estudantes nas práticas sociais de leitura, de maneira a estimulá-los a apreciar as distintas experiências estéticas proporcionadas por ela.

Nesse sentido, a leitura compartilhada possibilita o desenvolvimento de comportamentos de leitores fruidores. O objetivo é que os estudantes sejam capazes de voltar a atenção não só à trama e ao enredo, mas também aos procedimentos estéticos e narrativos utilizados no texto, conseguindo analisar e até problematizar quais recursos o autor emprega para gerar determinados efeitos, impressões, sentimentos etc.

Em *Uma mulher chamada guitarra*, é importante destacar, na leitura compartilhada, os traços poéticos e de musicalidade nas crônicas de Vinicius de Moraes, o que revela uma construção sofisticada, ainda que por vezes pareça simples. Em "Para uma menina com uma flor" (p. 17), por exemplo, diversas frases começam com o trecho "E porque você [...]"; é ainda recorrente o uso da conjunção "e" para iniciar sentenças: "E sendo você [...]", ou "E já que você [...]". Esse tipo de construção, além de aproximar a crônica da linguagem poética e da musicalidade, acaba também gerando um efeito sonoro facilmente perceptível na leitura em voz alta do texto.

Recomenda-se, então, reservar um momento para mostrar como, mesmo nas crônicas — um gênero supostamente mais despretensioso —, Vinicius não deixa de explorar possibilidades e experimentações com a linguagem. Esse aspecto pode ser notado no texto "Velha mesa":

> Lembro de que aqui à direita ficava o teu nome pequeno e louro, ó minha namorada de oito anos. Na ponta esquerda, lá onde existe um nódulo escuro, havia uma cruz assim:

A

A M O R

O

R

— como a prenunciar um eterno suplício. A palavra POESIA gravada em caracteres largos, não mais se vê, mas o pequeno violão desenhado a gilete, com uma clave de sol ao lado, resistiu ao carpinteiro.

Foi essa a única e verdadeira mesa de trabalho que jamais tive. [...] (pp. 70-1)

Nessa crônica, uma das mais belas do livro, o escritor, ao observar a velha mesa onde redige seu texto, vai encontrando, sentindo na madeira, as marcas dos elementos que foram compondo e guiando sua vida, como: o nome da primeira namorada, o encontro do amor, a palavra poesia ("que não mais se vê") e um violão desenhado a gilete. Trata-se de uma construção sublime. Na mesa da infância, há indícios do que viria a ser Vinicius de Moraes: amante, poeta e músico. Por isso, essa crônica nos coloca diante do encontro, nos revela a comunhão entre o homem maduro e o menino que um dia foi.

É interessante perceber que, justamente nesse texto, de carga emocional tão densa, que nos mostra inclusive a figura do pai ("primeira e maior influência"), a linguagem é altamente poética. Brinca-se com a grafia da palavra "amor" que forma uma cruz na página, o que amplia seu alcance semântico. A palavra "amor" é comumente vista sob um polo positivo, de alegria e dádiva; já na crônica aparece também como um "suplício". Esse jogo com a linguagem geralmente é associado à poesia. No entanto, Vinicius de Moraes também emprega esse recurso na crônica, derrubando certos preconceitos, como o de que a crônica é um "gênero literário menor".

Em resumo, a leitura compartilhada da obra *Uma mulher chamada guitarra* pode revelar a amplitude do gênero crônica aos estudantes, bem como servir de inspiração para o momento em que eles experimentam a escrita literária na escola. Além disso, sem dúvida, a leitura da obra representa uma

porta de entrada para a produção de um importante autor brasileiro e uma grande oportunidade para o enriquecimento do repertório leitor dos estudantes do Ensino Fundamental.

5. ESTE LIVRO E AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

MATERIAL DE APOIO PRÉ-LEITURA

Sugere-se que, na fase de pré-leitura, seja brevemente retomada a biografia do artista multifacetado Vinicius de Moraes, que se destacou como escritor e músico. Também é preciso comentar com os estudantes quais são os aspectos distintivos das crônicas do escritor: a linguagem poética e a musicalidade. Para isso, sugere-se a leitura do texto dirigido aos estudantes, que abre o livro. Em seguida, pode-se apresentar à turma o áudio ou o vídeo da crônica "Para viver um grande amor" (disponível em: <**https://bit.ly/1l3THIl**>; acesso em: 5 jun. 2018). Nessa gravação, realizada por Vinicius com o músico Toquinho (1946-) para o álbum *São demais os perigos dessa vida* (1972), mescla-se a música e a declamação do texto. Após a exibição desse material, recomenda-se que sejam abordados os seguintes aspectos: rimas, repetições, sonoridade, ritmo, melodia etc. Na sequência, sugerimos que você apresente aos alunos uma noção do gênero crônica e suas principais características, como a matéria-prima oriunda do cotidiano e o olhar sensível e lírico dos cronistas para eventos, a princípio, corriqueiros.

A proposta da atividade é mostrar aos estudantes a possibilidade de diálogo entre diferentes gêneros (crônica, poema e letra de canção), para ressaltar que Vinicius de Moraes transitou por eles, trazendo elementos poéticos e de musicalidade às crônicas de *Uma mulher chamada guitarra*. Com essa

sensibilização, espera-se que os estudantes, durante a leitura da obra, comecem a perceber não só as temáticas dos textos, mas também os procedimentos estéticos presentes na obra.

> No texto "Oito conselhos para realizar uma boa situação de leitura compartilhada", de Teresa Colomer, é possível encontrar boas dicas para essa prática tão importante na formação leitora. Disponível em: <**https://bit.ly/2M4fhNt**>. Acesso em: 3 jun. 2018.

MATERIAL DE APOIO PÓS-LEITURA

Após a leitura integral do livro, propõe-se uma atividade crítica para reflexão sobre as relações sociais, bem como sobre a representação de minorias. Para esse trabalho, sugere-se a retomada da crônica que dá título ao livro, "Uma mulher chamada guitarra", ou da crônica "Seu 'Afredo'".

Em relação à crônica "Uma mulher chamada guitarra", devem ser abordados aspectos relativos à representação da mulher, conforme comentado no item 2 deste manual. Após uma leitura compartilhada da crônica, sugere-se a exibição do filme *Mulher Maravilha* (2017), dirigido por Patty Jenkins, com a finalidade de conversar com os estudantes sobre essa representação mais contemporânea da mulher, como protagonista de sua história. Nessa comparação, é importante que eles percebam a diferença entre a representação proposta pelo filme de 2017 e a da crônica da década de 1960.

Para ajudar nessa discussão, outra atividade de extrapolação à leitura da crônica "Uma mulher chamada guitarra" pode ser a proposta de uma pesquisa sobre os dados a respeito da situação social da mulher no Brasil. Dividida em grupos, a turma pode abordar os seguintes temas: diferença salarial entre homens e mulheres; representatividade da mulher na política; violência

contra a mulher. A orientação é fundamental para a procura de dados. Por isso, cabe indicar fontes e referências de pesquisa, fornecer dicas sobre como utilizar buscadores de internet e ainda alertar a respeito dos cuidados que devem ser tomados com informações encontradas na rede. No dia da exposição dos resultados de pesquisa, a turma deve reservar ainda um momento de diálogo para pensar sobre possíveis resoluções para os problemas encontrados.

Outra sugestão de atividade é, também em grupos, a turma pesquisar obras artísticas que representem a mulher como protagonista de sua própria história. No dia marcado, cada grupo apresenta seu trabalho ao restante dos colegas, expondo os motivos de a obra ter sido escolhida para o trabalho e o modo como a mulher é retratada/representada na obra.

Já a crônica "Seu 'Afredo'" possibilita um trabalho sobre a representação do negro na literatura. O texto traz o retrato de um "mulato quarentão", que trabalhava como encerador na casa da mãe de Vinicius de Moraes. O negro então ocupa um ofício pouco prestigiado socialmente (encerador). Também é descrito como alguém que erra a pronúncia do próprio nome e tenta utilizar um vocabulário supostamente elevado, mas acaba incorrendo em erros. Veja uma parte desse retrato:

> Afredo virou-se para ela e disse:
>
> — Dona Lídia, o que a senhora precisa fazer é ir a um médico e tomar a sua *quilometragem*. Diz que é muito *bão.*
>
> [...]
>
> E, a seguir, ponderou:
>
> — Agora, piano é diferente. Pianista ela é!
>
> E acrescentou:
>
> — *Eximinista* pianista! (p. 83)

Inicialmente, é importante expor aos estudantes que as crônicas, por capturarem o cotidiano, acabam fotografando aquilo que foi vivido. No caso da crônica "Seu 'Afredo'", estamos novamente diante de uma representação, agora do negro, que merece ser problematizada. É bastante delicada a questão do racismo no Brasil, que possui raízes históricas na escravidão, a qual somente foi abolida em 1888, deixando graves consequências sociais que persistem até hoje.

Recomenda-se a leitura compartilhada da crônica com os estudantes para que sejam apresentadas as problemáticas em relação à representação do negro. Em roda de conversa, o professor pode propor perguntas: Como é retratado o negro na crônica? Qual é a relação entre a fala do negro e a posição social que ocupa naquele espaço? Por que o negro foi representado dessa maneira na obra de Vinicius de Moraes?

Após as perguntas em relação à crônica, a conversa sugerimos que gire em torno da representação do negro na mídia e nas obras de arte do nosso tempo. A reflexão pode ser incentivada com algumas perguntas: A quantos filmes você já assistiu em que o negro era a personagem principal? Em campanhas publicitárias, os negros aparecem com muita frequência? Quais são as personalidades negras que você admira? Vale ainda apresentar aos estudantes alguns nomes importantes do movimento negro brasileiro e internacional, a fim também de ampliar a discussão sobre avanços e conquistas sociais no sentido de relações mais igualitárias.

Essas atividades de pós-leitura visam contribuir na formação cidadã dos estudantes, estimulando sentimentos como empatia, respeito à diferença e abandono de preconceitos, além de colaborar para a construção de uma visão crítica.

Para saber um pouco mais sobre a atual situação do negro no país, sugere-se a leitura da reportagem "Seis estatísticas que mostram o abismo racial no Brasil", de Tory Oliveira. Disponível em: <**https://bit.ly/2zWHEaS**>. Acesso em: 5 jun. 2018.

Além dela, o texto "Negros e negras brasileiros que deveriam

ser mais estudados nas escolas", de Laís Modelli, pode ser um ponto de partida para fomentar a discussão sobre o papel dos negros na sociedade brasileira. Disponível em: <**https://bbc.in/2j9SgLm**>. Acesso em: 5 jun. 2018.

6. POSSIBILIDADES INTERDISCIPLINARES

ARTE

A BNCC aponta, como uma das competências específicas de Arte para o Ensino Fundamental, "mobilizar recursos tecnológicos como formas de registro, pesquisa e criação artística" (p. 196) e propõe o desenvolvimento da seguinte habilidade:

(EF69AR05) Experimentar e analisar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, performance etc.).

O livro *Uma mulher chamada guitarra* pode ser utilizado em atividades que estimulem tal competência e habilidade, uma vez que a crônica é um convite a certo olhar — aquele capaz de apreender o que é vivido — e funciona como uma fotografia do tempo, do cotidiano, que nos permite uma visão mais atenta e humanizada daquilo que nos cerca. Por isso, sugere-se a realização de um exercício criativo com os estudantes. Eles devem fotografar, por exemplo, com a câmera do celular, algum detalhe curioso do cotidiano, como uma melancia no balcão de um bar, um cão em um carrinho de criança

etc. As fotos podem ser tiradas na escola, no caminho para casa, no parque, em qualquer lugar.

De posse das fotos, cada aluno deverá, em casa, escrever uma crônica sobre o que fotografou ou sobre o porquê dessa imagem. O texto deve ser gravado em áudio e exibido em uma audição para o restante da turma. No mesmo dia, pode-se inaugurar uma exposição fotográfica com as imagens que inspiraram as crônicas.

A proposta é um convite para os estudantes experimentarem o processo criativo de um cronista e, principalmente, desenvolverem um olhar mais sensível em relação ao cotidiano.

HISTÓRIA

Uma das diretrizes do ensino de História propostas na BNCC diz respeito à contextualização:

> [...] a contextualização é uma tarefa imprescindível para o conhecimento histórico. Com base em níveis variados de exigência, das operações mais simples às mais elaboradas, os alunos devem ser instigados a aprender a contextualizar. Saber localizar momentos e lugares específicos de um evento, de um discurso ou de um registro das atividades humanas é tarefa fundamental para evitar atribuição de sentidos e significados não condizentes com uma determinada época, grupo social, comunidade ou território. Portanto, os estudantes devem identificar, em um contexto, o momento em que uma circunstância histórica é analisada e as condições específicas daquele momento, inserindo o evento em um quadro mais amplo de referências sociais, culturais e econômicas. (BRASIL, 2017, p. 397.)

Nessa perspectiva, é interessante apresentar aos estudantes um histórí-

co do desenvolvimento do gênero crônica. No passado, a palavra *crônica* referia-se a uma narrativa de fatos históricos. As fronteiras entre os conceitos de história e crônica não eram bem delimitadas. De acordo com o crítico Davi Arrigucci Jr. (1987), a crônica derivou da historiografia moderna. Por isso, vale explorar as interseções entre o gênero crônica e a história. Apenas mais recentemente o gênero deixou de ser um registro de fatos históricos, para se ater ao cotidiano e de uma maneira mais inventiva, sem preocupação com a veracidade dos fatos.

Outra possibilidade de trabalho interdisciplinar é o exercício de leitura da carta do "achamento do Brasil", de Pero Vaz de Caminha, escrita em 1500. Embora seja uma carta, há aspectos bem semelhantes ao que conhecemos hoje por crônica, como a descrição do cotidiano de determinado lugar em certo tempo.

Depois da leitura compartilhada de trechos da carta de Caminha, sugere-se a contextualização histórica do "descobrimento do Brasil". Na sequência, vale a leitura da crônica "Operários em construção". Nesse texto, há passagens como:

> Venho, há meses, observando-os trabalhar, erguer a sólida estrutura de oito pisos, com três apartamentos por andar. [...] Fui espectador emocionado de suas perigosas passagens para a prancha móvel, à guisa do elevador, sobre a área mínima da qual suspendiam-se para rebocar e caiar os grandes muros externos laterais da construção paciente e imóvel. (p. 75)

Ou ainda:

> Admirei-os em suas displicentes poses escultóricas, mãos na cintura sobre a tábula balouçante, indiferentes à sucção do abismo aberto em espirais de morte sob seus pés. A um vi fazer pipi lá para baixo, num perfeito à vontade, provocando-me necessidade idêntica, ai de mim, [...]. (p. 76)

Nessas passagens, podemos acompanhar a construção de um edifício

por operários. O texto é de 1953, ou seja, foi produzido no contexto do segundo mandato do governo de Getúlio Vargas (1882-1954), marcado pela aceleração do processo de industrialização e modernização. Esse contexto histórico está presente na crônica. A construção do edifício indica não só o processo de urbanização, mas também a verticalização dos grandes centros brasileiros. Além disso, na narrativa, fica muito clara a necessidade, tão humana e tão presente nas crônicas, de observar o outro.

A descrição do outro e de um novo espaço é o objeto de muitos trechos da carta de Caminha, como:

> E o Capitão-mor mandou em terra no batel a Nicolau Coelho para ver aquele rio. E tanto que ele começou de ir para lá, acudiram pela praia homens, quando aos dois, quando aos três, de maneira que, ao chegar o batel à boca do rio, já ali havia dezoito ou vinte homens.
>
> Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Nas mãos traziam arcos com suas setas. Vinham todos rijos sobre o batel; e Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os pousaram [...]

Ou ainda em:

> Os cabelos seus são corredios. E andavam tosquiados, de tosquia alta, mais que de sobrepente, de boa grandura e rapados até por cima das orelhas. E um deles trazia por baixo da solapa, de fonte a fonte para detrás, uma espécie de cabeleira de penas de ave amarelas, que seria do comprimento de um coto, mui basta e mui cerrada, que lhe cobria o toutiço e as orelhas. E andava pegada aos cabelos, pena e pena, com uma confeição branda como cera (mas não o era), de maneira que a cabeleira ficava mui redonda e mui basta, e mui igual, e não fazia míngua mais lavagem para a levantar. [...]

Por isso, vale estabelecer a comparação entre essa crônica de Vinicius de Moraes e a carta de Caminha. Essa atividade, além de exercitar a prática de contextualização, também mostra aos alunos como a literatura permite pensar as relações históricas e sociais, bem como cria e transmite a memória de um tempo que já vai deixando de ser, mas que fundamenta e baseia o que é.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIGUCCI JR., Davi. *Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2017.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros*: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.